



m. parissy

um rosto vasculha a terra
à procura de crateras

o dorso da água está submerso
a lanterna ilumina cores e feixes

do fundo da renda surgem
laranjas apodrecidas pela água
os olhos não acreditam na vegetação

a terra treme
do núcleo da cratera expele-se saliva
o rosto solidificado pela corrente
exibe líquenes

é este o retrato que encontro
quando vaza a maré da carne

In *Mãos de Arquipélago*, Black Sun Editores,
Junho de 2003, p. 13.

Nem uma voz, um jogo, um lápis.
Tinha de reinventar tudo o que
fosse de fora do quarto. A janela era
o único meio de onde se espreitava
para lá da sombra. Era dali que se
viam rapazes que brincavam no
lancel do passeio. Faziam corridas
com caricatas. Dali assistia-se ao jogo
de futebol, no meio da estrada,
contra o portão de madeira. Um
túmulo que nunca se abriu. Os
rapazes defrontavam os bombeiros.

In *Ferido*, volta d'mar, Setembro de 2016, p. 23.

não chega que ao quadro
apenas os olhos se vistam
de novas cores

só sob o remorso
de uma aldeia ancestral
se recolhe o passado

e o que perdura
do homem que desenha
são as chamas
que colhemos aos poucos

recolha
com o afecto nu das vertigens

In *Vertigem*, Canto Escuro,
Março de 2007, p. 26.

Guardas todas as fantasias onde as solhas
vivem. No fundo.

É um lugar de permanência que não
envelhece.

In *Onde não há fim*, Edição do autor,
com pinturas de Catarina Galego,
Verão de 2016, p. 12.

m. parissy é o pseudónimo literário do jornalista Mário Galego (Nazaré, 1969). Começa a publicar, em edição de autor, no ano de 1989. Durante a década de 1990, foi um dos dinamizadores das extintas *non nova sed nove*. Aí publicou, em edições marginais e restritas, grande parte da produção reunida em *Mãos de Arquipélago* (Black Sun Editores, 2003). Mário Galego é desde 2011 editor na volta d'mar, pequeno projecto editorial na área de poesia com forte ligação à vila de onde é natural. Na volta d'mar foram publicados livros de autores tais como Jaime Rocha, Amadeu Baptista, Carlos Alberto Machado ou Manuel de Freitas, assim como o mais recente de m. parissy: *Ferido* (2016).

DIGA33
poesia no teatro
às terças-terças-feiras
de cada mês

Programa elaborado por
HENRIQUE MANUEL BENTO FIALHO



2018
TEATRO DA RAINHA





JAIME ROCHA

A LÍNGUA DOS ANJOS

Ninguém sabe que língua têm os anjos, nem como se desfaz uma serpente no meio de uma chuva ácida.

Há quem diga que isso tem a ver com a chuva que na Primavera cai sobre a terra escura_____.

São os poetas que assim falam, terrivelmente dentro da paisagem. E nada mais existe a não ser esse momento em que as folhas se colam à pele, o exacto momento em que o braço do universo percorre a luz para dentro e descobre um inferno branco, escondido entre penhascos, onde também existe um castelo e um rosto que sucumbe perante a imagem de deus.

Ou então não se trata de um deus mas de uma jovem que afaga o anjo e lhe ensina a poesia, sentada com Orfeu.

Porque não se conhece a língua dos anjos. E o mesmo poeta, ou outro em vez dele, escreveu que a paisagem se tornou silenciosa porque estamos infinitamente mortos sobre um fundo dourado.

Quando amamos as flores há um fluxo breve como se o pensamento não fosse mais do que um soluço obscuro: o soluço do homem em frente do seu próprio rosto.

In *Lâmina*, Língua Morta, Março de 2004, p. 51.

1.

Uma mulher com um cântaro.
O que faz uma mulher com um cântaro?

Um cão corre pela água e deixa duas pegadas de cada vez numa praia vazia. A mulher e o cão aparecem depois numa fotografia cujas margens foram cortadas por uma serra. Acabou o Verão_____

e o rochedo torna-se branco sobre o nevoeiro, enquanto uma criança procura tirar uma bola de dentro de uma piteira. O cão ladra, remexe na areia, de costas, como um pintor que deixou no papel um cesto de limões e uma garrafa.

In *Mulher Inclinada com Cântaro*, volta d'mar, Novembro de 2012, p. 7.

4.

Existir nesse pássaro, nesse espelho que reflecte os rios, deixar que os seus crimes se instalem como um risco cruzado numa folha de papel. E suportar o choro gravado junto a uma janela, tremer, sabendo que não é possível voar sem ter conhecido a água que corre dentro da alma.

In *Do Extermínio*, Relógio D'Água, Novembro de 2003, p. 26.

JAIME ROCHA é um dos pseudónimos de Rui Ferreira de Sousa (Nazaré, 1949). A estreia deu-se em 1970, como Sousa Fernando, com o livro de poemas *Melânquico*. Autor de uma vasta produção dramática várias vezes premiada, Jaime Rocha destaca-se igualmente enquanto poeta e ficcionista. Com o livro *Necrophilia*, a que foi atribuído o Prémio de Poesia do Pen Clube 2011, encerrou a Tetralogia da Assombração. Ao romance *Anotação do Mal* (Sextante, 2007) foram atribuídos os Prémios de Ficção do Pen Clube 2008 e Ciranda 2008. O seu mais recente livro de poemas intitula-se *Preparação para a Noite* (Relógio D'Água, 2017).

**PRÓXIMA SESSÃO
20 DE NOVEMBRO**

RECITAL

Henrique
manuel
bento falho
nuno moura
joão paulo
estes
da silva
paulo
da costa
domingos
manuel a.
domingos
carlos
alberto
machado
miguel-manso
pedro mexia
miguel de
carvalho
rui costa
andre corréa
carvalho
margarida
vale de gato
cláudia souza
mascó david
helena teira
m. parissu
jaime rocha